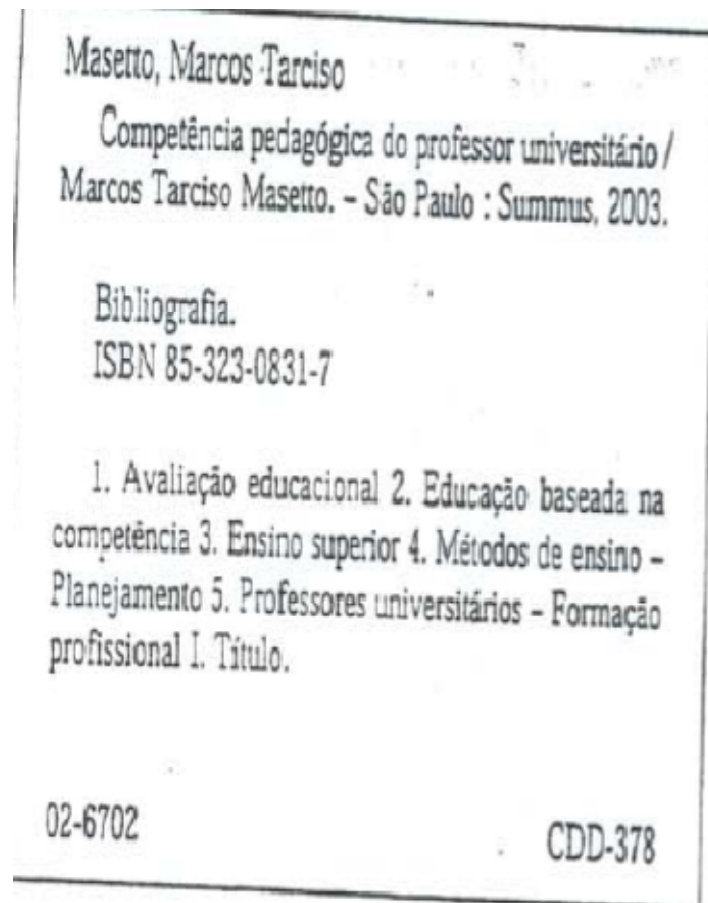




CAPÍTULO 3

Docente de ensino superior atuando num processo de ensino ou de aprendizagem?

Considerando a prática comum dos professores do ensino superior como ponto de partida para nossa reflexão, é evidente que o que prevalece na atuação docente é um processo de ensino no qual o professor “ensina” aos alunos que “não sabem”; e estes reproduzem as informações recebidas nas provas ou nos exames buscando sua aprovação.

Prontamente alguém me diria que no processo de ensino o professor também quer que o aluno aprenda e, por conseguinte, o processo de ensino envolve o processo de aprendizagem. Eles não são dois processos separados; integram-se, são complementares. Então, por que a insinuação da distinção entre eles?

Justamente pelo fato de poderem ser complementares e se inte-

grarem é que não são idênticos. É preciso compreender bem cada um deles para melhor entendermos como se pode fazer a correlação, a complementaridade e a integração de dois processos, transformando-os em um só.

Quando pensamos em *ensinar*, as idéias associativas nos levam a instruir, comunicar conhecimentos ou habilidades, fazer saber, mostrar, guiar, orientar, dirigir. São ações próprias de um professor, que aparece como agente principal e responsável pelo ensino. As atividades centralizam-se nele, na sua pessoa, nas suas qualidades e habilidades. Ele é o centro do processo. Neste, o professor costuma se perguntar: o que acho importante ensinar? Como vou ensinar? Como gosto ou prefiro ensinar? Como me é mais fácil ensinar?

Quando, porém, falamos em *aprender*, entendemos buscar informações, rever a própria experiência, adquirir habilidades, adaptar-se às mudanças, descobrir significado nos seres, nos fatos, nos fenômenos e nos acontecimentos, modificar atitudes e comportamentos. Todas as atividades que apontam para o aprendiz como agente principal e responsável pela sua aprendizagem. Elas estão centradas no aprendiz (aluno), em suas capacidades, possibilidades, necessidades, oportunidades e condições para que aprenda. No processo de aprendizagem, as perguntas que o professor se faz também são outras: o que o aluno precisa aprender para se formar como um profissional-cidadão? Como o aluno aprenderá melhor, fixará melhor? Que técnicas favorecerão a aprendizagem do aluno? Como será feita a avaliação de forma que o incentive a aprender?

Os processos de ensino e aprendizagem são distintos. A ênfase num ou noutro fará com que os resultados da integração ou correlação dos dois processos sejam completamente diferentes.

No meu entender, de modo geral, até hoje a docência universitária colocou sua ênfase no *processo de ensino*. Por isso, a *organização curricular* continua fechada e estanque, as disciplinas são maximamente conteudísticas e só são oferecidas as concernentes aos assuntos técnicos e profissionalizantes dos casos, com pouca abertura para outras áreas de conhecimento, quase nenhuma para a interdisciplinaridade ou para temas transversais, pouco incentivo à investigação científica na graduação.

A *metodologia* em sua quase totalidade está centrada em trans-

missão ou comunicação oral de temas ou assuntos acabados por parte dos professores (aulas expositivas), ou leitura de livros e artigos e sua repetição em classe. Predomínio de um programa a ser cumprido. A avaliação é usada como averiguação do que foi assimilado do curso, mediante provas tradicionais e notas classificatórias e aprobatórias ou não.

O *corpo docente* ainda é recrutado entre profissionais, dos quais se exige um mestrado ou doutorado, que os torne mais competentes na comunicação do conhecimento. Deles, no entanto, ainda não se pedem competências profissionais de um educador no que diz respeito à área pedagógica e à perspectiva político-social. A função continua sendo a do professor que vem para “ensinar aos que não sabem”.

Bem diferentes seriam as conseqüências da docência universitária quando a ênfase se der no *processo de aprendizagem*. Por isso vale a pena aprofundar um pouco o conhecimento do aprendizado no ensino superior e suas conseqüências.

1. Ao falarmos de processo de aprendizagens, queremos nos referir a um *processo de crescimento e desenvolvimento de uma pessoa em sua totalidade*, abarcando minimamente quatro grandes áreas: *a do conhecimento, a do afetivo-emocional; a de habilidades e a de atitude ou valores*.

A área cognitiva compreende o aspecto mental e intelectual do homem: sua capacidade de pensar, refletir, analisar, comparar, criticar, justificar, argumentar, inferir conclusões, generalizar, buscar e processar informações, produzir conhecimentos, descobrir, pesquisar, criar, inventar, imaginar... Ela não poderá se esgotar em assimilar algumas informações ou conhecimentos obtidos e repeti-los.

São características do *desenvolvimento na área do conhecimento*: a aquisição, elaboração e organização de informações, acesso ao conhecimento existente, relação entre o conhecimento que se possui e o novo que se adquire, reconstrução do próprio conhecimento com significado para si mesmo, inferência e generalização de conclusões, transferência de conhecimentos para novas situações, compreensão dos argumentos apresentados para defesa ou questionamento de teorias existentes, identificação de diferentes pontos de

vista sobre o mesmo assunto, emissão de opiniões próprias com justificativas, desenvolvimento da imaginação e da criatividade, do pensar e do resolver problemas... Desenvolver um saber integrando os conhecimentos de uma área específica com os de outras áreas, de forma interdisciplinar, voltada para os compromissos sociais e comunitários.

Desenvolvimento na área afetivo-emocional supõe crescente conhecimento de si mesmo, dos diferentes recursos que se possui, dos limites existentes, das potencialidades a serem otimizadas. Para as faculdades e universidades, admitir essa dimensão de aprendizagem significa abrir espaços para que sejam expressos e trabalhados aspectos como atenção, respeito, cooperação, competitividade, solidariedade, segurança pessoal, superando as inseguranças próprias de cada idade e de cada estágio, as novas vivências profissionais, políticas, afetivas, o afastamento das famílias, a criação de um novo círculo de amizades, valorização da singularidade e das mudanças que venham a ocorrer, um relacionamento cada vez mais adequado com o ambiente externo.

Desenvolvimento na área de habilidades humanas e profissionais abrange tudo o que fazemos com os conhecimentos adquiridos. Alguns exemplos já estão contemplados no desenvolvimento da área cognitiva (relacionar conhecimentos e informações, organizar, generalizar, argumentar, deduzir, induzir etc.).

Mas há outros: aprender a se expressar e comunicar com o outro colega, com o professor, com profissionais da área, com clientes futuros; trabalhar em equipe; comunicar-se com os colegas e com pessoas fora de seu ambiente universitário e presentes em seu ambiente profissional; fazer relatórios; realizar pesquisas; usar o computador; elaborar trabalhos individuais dos mais diferentes tipos; aprender com situações simuladas e com atividades em locais próprios de trabalho e em situações comunitárias; participar de grupos interdisciplinares ou de profissionais de áreas diferentes; redigir e apresentar trabalhos científicos. E o que dizer das habilidades próprias de cada profissão... Estas deveriam ser procuradas nos debates e estudos hoje realizados em todas as categorias profissionais que estão se esforçando por redefini-las.

Desenvolvimento de atitudes e valores. Encontramo-nos aqui no

aspecto mais delicado da aprendizagem de um profissional: seu coração. Em geral é o menos trabalhado pela universidade. Enquanto esse aspecto não for trabalhado, modificações significativas de aprendizagem também não acontecerão.

Dois exemplos: no primeiro, estou trabalhando com um grupo de professores da Faculdade de Engenharia e discutimos o seguinte: diante de determinada situação, que exige uma intervenção técnica de engenharia, é suficiente que os futuros profissionais conheçam as diferentes opções, identifiquem a melhor dentre elas do ponto de vista técnico, aprendam a realizá-la e a executem, sem levar em conta outros aspectos como o efeito sobre a população local, a flora ou a fauna da região? Se a resposta for um SIM, diria que esses futuros profissionais talvez sejam apenas técnicos de engenharia, mas não profissionais-cidadãos. Falta-lhes a aprendizagem de valores políticos e sociais.

O segundo exemplo vem dos cursos de Medicina da Universidade de Mc Master (Canadá) e de Harvard que se reestruturaram completamente em termos curriculares, colocando como um dos pilares da formação dos médicos a dimensão ÉTICA, não como uma disciplina a mais, mas como uma dimensão que está presente em todas as atividades estudantis e profissionais daquele que atua na área da saúde.

Por aprendizagem de atitudes e valores queremos dizer a necessidade de os cursos superiores se preocuparem com que seus educandos valorizem o conhecimento, a atualização contínua deste, a pesquisa, o estudo dos mais diversos aspectos que cercam um problema, a cooperação, a solidariedade, a criticidade, a criatividade, o trabalho em equipe.

Valores como democracia, participação na sociedade, compromisso com sua evolução, situar-se no tempo e espaço de sua civilização ética em suas mais abrangentes concepções (referentes tanto a valores pessoais quanto a valores profissionais, grupais e políticos) precisam ser aprendidos em nossos cursos de ensino superior.

A área de atitudes e valores compreende o desenvolvimento de valores pessoais, por exemplo: responsabilidade pelo seu processo de aprendizagem, ética, respeito ao outro e suas opiniões, honestidade intelectual, criticidade, curiosidade, criatividade, autonomia; desenvolvimento de valores

cidadãos e políticos, por exemplo: não se limitar a soluções técnicas dos problemas de sua área, abertura para perceber e analisar as consequências de soluções técnicas à luz das ciências ambientais, da antropologia, da sociologia; sentir-se comprometido com o crescimento e a melhoria da qualidade de vida da população a que se serve; desenvolvimento de valores éticos, históricos, sociais e culturais.

É importante a valorização do desenvolvimento das relações sociais. Entende-se como fundamental criar uma interação entre o mundo individual do aprendiz e a realidade social, o situar-se historicamente no contexto e no espaço do movimento de sua sociedade, estar aberto para captar fatos e acontecimentos que agitam seu mundo, o trabalho, a família, o emprego, as políticas, a cidade, o país; analisar criticamente os encaminhamentos e as soluções apresentados pelos dirigentes; e no seu contexto de profissional e cidadão participar da sociedade, comprometendo-se com seu desenvolvimento.

É preciso transformar a vida da aula e da escola, de modo que possam vivenciar-se práticas sociais e intercâmbios acadêmicos que induzam à solidariedade, à colaboração, à experimentação compartilhada, assim como a outro rito de relações com o conhecimento e a cultura que estimulem a busca, o contraste, a crítica, a iniciativa e a criação. (Sacristán e Péra Gómez, 1996:32)

Os alunos e alunas aprendem e assimilam teorias, disposições e comportamentos não só como consequência da transmissão e intercâmbio de idéias e conhecimentos explícitos no currículo oficial, como também e principalmente como consequência das interações sociais de todo o tipo que acontecem na vida e na aula. Mais ainda, o conteúdo oficial do currículo, imposto de fora para a aprendizagem do alunado [...] não marca nem estimula, em geral, os interesses e preocupações vitais do aluno. Converte-se assim num aprendizado acadêmico para passar nos exames e esquecer em seguida; enquanto a aprendizagem de estratégias, normas, valores de intenção social [...] vão constituindo paulatinamente as representações e normas de conduta. (Id., ibid.:22)

Edith Litwin, escrevendo sobre tecnologia educacional, a certa altura de seu livro se pergunta para que se ensina na escola? E sua resposta é direta: para o desenvolvimento de valores, numa sociedade em crise de solidariedade

entre os homens, justiça e equidade social e promoção do pensamento reflexivo. Trata-se de reconstruir o conhecimento via experiência e não apenas transmiti-lo; favorecer as reinterpretações das visões do mundo geradas pelos meios tecnológicos. As mensagens que os meios emitem são parte da vida cotidiana. É importante integrá-la na aula como elementos construtivos da vida diária e do conhecimento experimental. (Edith Litwin, 1997:123 ss.)

2. A ênfase no processo de aprendizagem, como o descrevemos até aqui, traz consequências sérias e de grande repercussão:

Na organização curricular – valorizando um currículo flexível, continuamente atualizado, aberto às diferentes áreas do conhecimento; apontando profundidade nos temas essenciais; interdisciplinaridade; o estudo de temas transversais, das questões éticas e dialéticas que envolvem o conhecimento; um currículo mais voltado para o aprender-a-aprender do que para a pretensão de transmitir a totalidade dos conhecimentos atuais;

na contratação do corpo docente – selecionando professores com competência pedagógica ou investindo na formação pedagógica destes, fazendo com que aliem à sua capacidade científica em determinada área um profundo conhecimento sobre o processo de aprendizagem, sobre a relação professor-aluno, a organização curricular e a tecnologia a ser usada em aula;

na metodologia de aula – participativa por parte do professor e dos alunos e que facilite a consecução dos objetivos propostos.

Após essas reflexões, é importante afirmar que entendemos e aceitamos a complementaridade dos processos de Ensino e Aprendizagem, desde que a Ênfase se coloque na aprendizagem dos alunos, e esta seja a preocupação básica do professor do ensino superior. A docência existe para que a aprendizagem dos alunos possa acontecer.

3. Duas outras características da aprendizagem não poderiam deixar de ser consideradas: a aprendizagem significativa e aprendizagem continuada (*lifelong learning*).

O conceito de *aprendizagem significativa* foi muito estudado por dois psicólogos: Carl Rogers e David Ausubel. Este último assim se expressa com relação à referida aprendizagem:

A aprendizagem significativa, seja por *recepção*, seja por descoberta, se opõe a aprendizado mecânico, repetitivo e memorístico. Compreende a aquisição de novos significados... A essência da aprendizagem significativa está em que as idéias expressas simbolicamente se relacionam de maneira não arbitrária, mas substancial com o que o aluno já sabe. O material que aprende é potencialmente significativo para ele. (Ausubel, in Sacristán e Pérez Gómez, 1996:46)

Vale ressaltar o comentário de Sacristán sobre esse conceito de aprendizagem significativa de Ausubel:

Os novos significados para Ausubel não são as idéias ou conteúdos objetivos apresentados, mas o produto de um intercâmbio e de uma fusão entre a nova idéia ou conceito potencialmente significativo com as idéias pertinentes já possuídas pelo aluno. Cada indivíduo capta a significação do material novo em função das peculiaridades historicamente construídas em sua estrutura cognitiva. (Id., *ibid.*:47)

Entendemos que aprendizagem significativa é aquela que envolve o aluno como pessoa, como um todo (idéias, sentimentos, cultura, valores, sociedade, profissão). Ela se dá quando: o que se propõe para aprender se relaciona com o universo de conhecimento, experiências e vivências do aprendiz, como já vimos acima; permite a formulação de perguntas e questões que de algum modo o interessem e o envolvam ou lhe digam respeito; lhe permite entrar em confronto experimental com problemas práticos de natureza social, ética, profissional que lhe são relevantes; permite e ajuda a transferir o aprendizado na universidade para outras circunstâncias da vida; suscita modificações no comportamento e até mesmo na responsabilidade do aprendiz.

Trabalhando com a aprendizagem significativa temos ainda que

tomar um cuidado especial: como evitar que a aprendizagem na aula se constitua numa cultura particular, uma cultura apenas “acadêmica” para resolver com êxito os problemas da vida escolar sem repercussões na vida cotidiana? Como evitar que se crie uma justaposição de duas estruturas para o aprendiz: uma que lhe sirva para a escola e outra que o ajude na vida?

Como fazer com que os conceitos que se elaboram nas diversas disciplinas e que servem para uma análise mais rigorosa da realidade se incorporem ao pensamento do aprendiz como poderosos instrumentos e ferramentas de conhecimento e resolução de problemas e não como meros adornos teóricos que se utilizam para serem aprovados nos exames e esquecer depois? (Id.. ibid.:68-9)

A experiência escolar deve demonstrar a superação dessas duas situações superpostas, encaminhando-se para uma aprendizagem que esteja voltada para a vida dos alunos e, ao mesmo tempo, o ajude a encaminhar situações vivenciais pessoais e profissionais, a viver uma vida de realização pessoal e de colaboração para o desenvolvimento da comunidade na qual se encontra inserido.

Aprendizagem continuada (lifelong learning) é um fenômeno que se expandiu fortemente nos últimos anos. Não que antes não existisse. Mas tratava-se de uma atitude mais localizada em determinados grupos de pessoas ou em grupos profissionais.

Com o surgimento da sociedade do conhecimento, de que tratamos no primeiro capítulo, a multiplicação das possibilidades de acesso ao conhecimento, de desenvolvimento de expectativas, habilidades, relacionamentos e de se poder fazer novas descobertas procurando realizações pessoais e profissionais até ali impensadas, a formação continuada sofreu uma grande demanda e trouxe uma explosão de iniciativas e propostas para atendê-la.

Atente-se para os vários aspectos da vida humana em que surge essa procura por uma educação continuada: no trabalho, buscando desenvolvimento nas diversas competências hoje exigidas pelas carreiras profissionais, para o exercício de liderança, da criticidade, da criatividade, e

novos serviços; nas várias épocas da vida escolar, durante a formação universitária e após a graduação com cursos de especialização, mestrado, doutorado, e toda sorte de atualizações; na vida pessoal, familiar e social.

Poderíamos nos perguntar, mas o que o ensino superior tem a ver com essa nova demanda? Lembremo-nos de que hoje é papel do ensino superior estudar essa nova demanda de aprendizagem ou educação continuada, tanto pelo fato de vários projetos estarem localizados na universidade, como pela necessidade de pesquisar propostas que possam acender a essas expectativas, procurando garantir sempre uma situação de aprendizagem e educação dentro do conceito acima defendido.

Além disso, a educação continuada não deve se iniciar só depois que nossos alunos deixam a faculdade, é preciso buscá-la desde os cursos de graduação, em que os formandos devem desenvolver atitude e ações que os ajudem a descobrir a importância de uma aprendizagem contínua, bem como aprender a se manter numa contínua busca de desenvolvimento e educação.

Qual será, então, o papel do professor que participa do processo de aprendizagem no ensino superior? Essa questão nos remete ao Capítulo 4.

CAPÍTULO 4

Interação entre os participantes do processo de aprendizagem

O processo de aprendizagem, tal como o consideramos no capítulo anterior, exige que nossa reflexão prossiga no sentido de averiguarmos sobre os participantes desse processo. Quem são eles e como se espera que interajam num curso superior?

A primeira pergunta parece apresentar uma resposta um tanto óbvia: são integrantes de um processo de aprendizagem no ensino superior os professores, os alunos, o monitor e a direção, e espera-se que interajam entre si para incentivar o processo de aprendizagem.

Interações do professor

É importante para o bom desenvolvimento do processo de

aprendizagem que o *professor de uma disciplina entre em contato com os colegas que lecionam a mesma disciplina* naquele semestre ou em outros semestres, para que juntos possam discernir melhor o que é necessário que os alunos de determinado curso aprendam com aquela disciplina para sua formação profissional.

A área de conhecimento de uma disciplina é muito extensa e bastante profunda. Não se trata de o aluno vir a conhecer tudo o que ela pode oferecer, mas as informações próprias para o curso que está freqüentando. Juntos os professores dessa disciplina poderão identificar melhor o que é necessário para que o aluno aprenda naquele curso e como fazer para que a aprendizagem daquela disciplina seja significativa.

Assim procedendo, o professor, embora seja único no comando da aula, estará levando para sua ação docente a experiência de todo um grupo de especialistas na matéria.

Além disso, seria igualmente importante que os *professores das diversas disciplinas* lecionadas no mesmo semestre, ou em semestres anteriores ou posteriores, *pudessem se encontrar* para analisar as possibilidades de integração entre elas, uma vez que todas cooperam para a formação do profissional. Por vezes, assuntos podem se complementar, temas poderiam não se repetir, situações e experiências profissionais poderiam ser exploradas conjuntamente, casos estudados com a participação de várias disciplinas, projetos realizados com a participação de várias cadeiras, visitas técnicas preparadas, executadas e debatidas com mais de um professor. São exemplos de interação entre professores que facilitam e promovem a aprendizagem.

A *interação professor-aluno*, tanto individualmente quanto com o grupo, se destaca como fundamental no processo de aprendizagem e se manifesta na atitude de *mediação pedagógica* por parte do professor, na atitude de *mediação pedagógica* pelo processo de aprendizagem entre aluno e professor e na aceitação de uma relação *entre adultos* assumida por professor e aluno.

Por mediação pedagógica entendemos a atitude, o comportamento do professor que se coloca como um facilitador e incentivador ou motivador da aprendizagem, que se apresenta com a disposição de ser uma ponte entre o

aprendiz e sua aprendizagem.

A forma de apresentar e tratar um conteúdo ou tema é o que de fato ajuda o aprendiz a coletar informações, relacioná-las, organizá-las, manipulá-las, discuti-las e debatê-las com seus colegas, com o professor, e outras pessoas (interaprendizagem), até chegar a produzir um conhecimento que seja significativo para o aprendiz, conhecimento que se incorpore ao seu mundo intelectual e vivencial e o ajude a compreender sua realidade humana e social, e mesmo a interferir nela.

Certamente não estará dentro da nossa concepção a apresentação de um tema ou conteúdo pronto e completo para ser assimilado pelo aprendiz, por ser este talvez um caminho mais fácil ou menos trabalhoso ou mais rápido para se deter algumas informações.

A mediação pedagógica busca abrir um caminho a novas relações do estudante: com os materiais, com o próprio contexto, com outros textos, com seus companheiros de aprendizagem, incluído o professor, consigo mesmo e com seu futuro. (Pérez e Casrillo, 1999: 10)

São características da mediação pedagógica: dialogar permanentemente de acordo com o que acontece no momento; trocar experiências; debater dúvidas, questões ou problemas; apresentar perguntas orientadoras; auxiliar nas carências e dificuldades técnicas ou de conhecimento quando o aprendiz não consegue se conduzir sozinho; garantir a dinâmica do processo de aprendizagem; propor situações problemas e desafios; desencadear e incentivar reflexões; criar intercâmbio entre a aprendizagem e a sociedade real onde nos encontramos, nos mais diferentes aspectos; colaborar para estabelecer conexões entre o conhecimento adquirido e novos conceitos, fazendo a ponte com outras situações análogas; colocar o aprendiz frente a frente com questões éticas, sociais, profissionais, conflituosas, por vezes; colaborar para desenvolver a crítica com relação à quantidade e validade das informações obtidas; cooperar para que o aprendiz use e comande as novas tecnologias para aprendizagem e não seja comandado por elas ou por quem as tenha programado; colaborar para que se aprenda a comunicar conhecimentos, seja por intermédio de meios convencionais, seja mediante novas tecnologias.

A mediação pedagógica coloca em evidência o papel de sujeito do aprendiz e o fortalece como ator de atividades que lhe permitirão aprender e alcançar seus objetivos; dá também um novo colorido ao que deverá trabalhar para crescer e se desenvolver.

A atitude de parceria e co-responsabilidade entre professor e aluno visando desenvolver o processo de aprendizagem se estabelece e se fortifica mediante atitudes e comportamentos que os colocam juntos, lado a lado trabalhando pelos mesmos objetivos, como equipe de trabalho.

Tais atitudes estão longe daquelas que, por vezes, ainda encontramos, ou seja, o professor consciente ou inconscientemente se coloca como obstáculo a ser vencido pelo aluno para que este se forme, ou entende que as funções de professor e aluno são dicotômicas, isto é, cada um deve fazer sua parte no processo independentemente do outro. Se ambos cumprirem com suas obrigações, a aprendizagem acontecerá. Se porventura ela não se realizar, a responsabilidade cabe ao aluno que não conseguiu dar conta de sua tarefa.

A atitude de parceria e co-responsabilidade se inicia com um pacto entre alunos e professor para juntos buscarem a aprendizagem (desenvolvimento pessoal e profissional, como já vimos). E para que haja um compromisso, o primeiro passo é abrir uma discussão sobre a razão de nos encontrarmos naquela situação de professores e alunos e o que vamos juntos buscar. Dialogar sobre a situação de sermos um grupo, e como tal temos de nos conhecer (quem somos, o que fazemos ali...) e definir alguns interesses comuns que nos une.

É o momento de envolver a classe na discussão de programação dos trabalhos que poderão se realizar. Ouvir as expectativas e necessidades dos alunos quanto ao que poderiam aprender naquela disciplina, conhecer seus interesses, identificar a falta de motivação, demonstrar a relação da disciplina com outras do curso e com a vida profissional, responder às dúvidas e outras questões que os alunos possam ter, saber se já ouviram falar do conteúdo da disciplina, que tópicos conhecem e de onde obtiveram essas informações, comentar como membro do grupo quais os assuntos que precisam ser estudados naquela disciplina e por quê.

É também o momento de organizar junto com a classe o conteúdo

da disciplina relacionando os vários tópicos com a realidade profissional dos alunos, procurando trazer o dia-a-dia para a sala de aula, propiciando que os alunos realizem ou levanten aplicações práticas do assunto, organizando-os por grandes temas que integrem o maior número de informações e permitindo assim que o aluno desenvolva a aprendizagem de conhecimentos integrados.

Pode-se também dialogar com os alunos sobre quais técnicas vamos utilizar nas aulas. Mostrar-lhes a importância de estarmos aproveitando o período de aulas para estudar, ler, debater, resolver casos, fazer exercícios, discutir rasos clínicos, participar de aulas expositivas etc. Ajudar os alunos a perceberem que o espaço de aula não é apenas para o professor falar e o aluno ouvir, mas um tempo de ambos trabalharem para que a aprendizagem ocorra, e para tanto será necessária uma preparação de leitura e estudo fora do período de aula. As aulas, então, serão desenvolvidas com técnicas que motivem os alunos diversificando a forma de aprender, incentivem a participação, propiciem a integração do grupo, explorem a possibilidade da interaprendizagem.

A revisão do processo de avaliação colabora eficazmente para uma atitude de parceria e co-responsabilidade. Ela deve ser vista como uma contínua informação ao aluno e ao professor sobre o desempenho do primeiro, de modo a saber se ele está aprendendo ou não, o que deverá ser feito caso esteja com dificuldades e como superá-las. Fazer da avaliação um processo sem tensão, voltado mais para identificar o que o aluno aprendeu e motivá-lo a aprender o que ainda não foi capaz, é um meio de se solidificar a co-participação. Avaliar o desempenho do professor e a adequação do programa que se está desenvolvendo é uma forma de se demonstrar que os vários elementos de um processo de aprendizagem são co-responsáveis por ela, e não apenas os alunos.

Desenvolver por parte do professor e do aluno *uma relação entre adultos* pode parecer algo utópico, uma vez que, na percepção de muitos professores, não existe por parte do aluno tal condição: ainda são jovens, quase adolescentes e como tais um tanto irresponsáveis. Creio que este seja um grande desafio.

Não defendo que os alunos no ensino superior demonstrem a mesma maturidade que nós professores. Estou afirmando que o aluno do

ensino superior, desde seu primeiro ano de faculdade, é capaz de iniciar e desenvolver um relacionamento adulto com seus professores, o qual se caracteriza por assumir com responsabilidade o processo de aprendizagem. É importante lembrar que o desenvolvimento de um comportamento adulto sempre é um processo e, por conseguinte, contará com momentos e atitudes de maturidade com outros em que o aspecto adulto deixa a desejar, aliás, o que também acontece conosco, professores. Mas a perseverança em continuar com o processo é fundamental.

Espera-se por parte do aluno que ele estabeleça com o professor e com os colegas um pacto, um compromisso de se empenhar para levar à frente o plano de trabalho, numa ação cooperativa, respondendo por sua parte tanto no momento em que realiza as atividades programadas como nos momentos em que deixa de cumprir o combinado, o que então o levará a discutir com o professor e com os colegas o modo de recuperar os conteúdos.

O que proponho é que a relação entre professor e aluno parta da consideração de que ambos são capazes de assumir um processo de aprendizagem, que o aluno está apto a trabalhar em parceria com o professor e com os outros colegas para aprender.

Esse relacionamento adulto pode ser facilitado centrando-se a aprendizagem em problemas e experiências significativas para o aprendiz, deixando claros os objetivos que se pretendem alcançar; quando se tratar de mudança de comportamento, motivar o aluno para tal, fazendo com que ele perceba a inadequação do comportamento anterior. Os adultos podem ser fortemente motivados para aprender nas áreas relevantes para o desenvolvimento de suas tarefas e sem papéis sociais e profissionais; aprendem mediante diferentes estilos de aprendizagem e por diferentes caminhos que precisam ser respeitados; aprendem pela troca de idéias, por informações e experiências.

Desenvolver uma reflexão crítica é fundamental para o adulto, permitindo-lhe conhecer diferentes teorias e pontos de vista, discutir alternativas para o exercício de sua profissão, dialogar sobre os valores embutidos nas soluções técnicas apresentadas, analisar as perspectivas do mundo social e político.

Participar efetivamente em todas as atividades programadas, tra-

zendo sempre sua colaboração fundamentada, buscar explicitar sempre o significado das aprendizagens que se propõem adquirir, desenvolver uma aprendizagem significativa (como já consideramos acima), definir claramente objetivos e metas, bem como recursos adequados e eficientes, e criar um sistema de *feedback* contínuo são aspectos importantes e fundamentais que precisam ser combinados entre professor e aluno e que pavimentam uma relação forte de compromisso entre parceiros adultos num processo de aprendizagem, assumindo ambos as consequências quando não realizado o combinado, abrindo-se novas chances de acertos.

A prática de se trabalhar com a educação de adultos supõe, por parte dos professores, estabelecer um clima físico (desde a arrumação das carteiras em círculo) e psicológico que propicie uma atmosfera de mútuo respeito e confiança entre os participantes, enfatizando assim a aprendizagem como algo agradável; envolver os participantes no diagnóstico de suas necessidades e encorajá-los a identificar recursos e estratégias que lhes permitam atingir os objetivos; compartilhar com os aprendizes a avaliação de sua aprendizagem.

A terceira dimensão de interação do professor (professor-professor; professor-aluno) diz respeito à *interação do professor com a direção*. Esta também é um participante importante no processo de aprendizagem.

O professor necessita interagir com o diretor de sua faculdade, pois este deverá ser o mais interessado em que um processo de aprendizagem se realize da melhor forma possível. Informá-lo sobre o que se pretende fazer, que resultados se esperam, e como vamos motivar e interessar os alunos poderá colocar o diretor ao nosso lado, como participante efetivo do processo de aprendizagem. E dele precisamos: do seu apoio; de alguns recursos pedagógicos; da utilização de espaços físicos; de recursos para atividades fora do espaço tradicional das aulas; de equipamentos como computadores, internet, softwares; de apoio para adaptações no sistema de avaliação; de recursos para realizar visitas técnicas; e, quem sabe, da aprovação para uma reorganização do próprio currículo. Enfim, precisamos que a direção conheça e aprove nossas mudanças no processo de aprendizagem, para podermos contar com seu apoio e seu envolvimento. Se, porventura, essa interação se mostrar muito difícil ou mesmo impossível no momento, esperamos outra

oportunidade. Enquanto isto, avançaremos com nossas propostas de melhorar o processo de aprendizagem nos cursos de graduação, ao menos em nossas aulas.

Essa interação fecha o círculo de interações do professor com vários integrantes do processo de aprendizagem. Mas há outro membro deste processo – o aluno – cujo comportamento de interação precisamos comentar.

II. Interações do aluno

Com efeito, é vista com muita naturalidade, num processo de aprendizagem, a interação do professor com o aluno e a do aluno com o professor, porque em ambas está incluída a visão de que o aluno aprende com o professor. O que queremos refletir é sobre a possível aprendizagem na *interação aluno-aluno*, ou seja, *entre alunos*. Para nós professores, considerando a arrumação das carteiras em sala de aula, uma atrás da outra e todas voltada para o centro, ou seja, em direção ao professor, o diálogo sempre existente entre professor e aluno, passando pela crença de que o professor é quem sabe, e portanto pode ensinar a quem não sabe, parece estranho que os alunos possam vir a aprender com seus colegas.

No entanto, como para nós o processo de aprendizagem é um processo de mudança que os aprendizes constroem mediante pesquisa, troca de experiências, idéias e vivências e por meio de abertura para as diversas situações novas surgidas entre eles, processo em que o papel do professor é de mediação pedagógica, não é de se estranhar que os alunos possam aprender com a troca de informações que trazem, com as discussões que promovem, com os diálogos que estabelecem, com as explicações mútuas que se oferecem. Conhecemos muitos alunos que apresentam dificuldade de aprender com seus professores e acabam aprendendo com as explicações de seus colegas.

Cabe aos professores, em primeiro lugar, acreditar que os alunos são capazes de aprender com seus colegas, para em seguida planejar atividades em que eles possam trabalhar juntos e alcançar determinados objetivos, incentivar trabalhos em grupos, planejar situações em que possam

oferecer *feedbacks* aos colegas e discutir entre si essas sugestões, incentivar atividades de aprendizagem que venham a ser planejadas e realizadas por grupos de alunos, usar técnicas que favoreçam o debate entre eles.

Sobretudo, é importante contribuir para que se modifique uma cultura muito comum entre os alunos: "o professor só trabalha quando dá aula expositiva", quer os alunos aprendam ou não. Ou ainda: "quando os alunos trabalham em aula, em atividades planejadas pelo professor, mesmo que estejam aprendendo, o professor 'está matando aula'". A interaprendizagem é fundamental para o processo de aprendizagem e dela não podemos prescindir.

Deixei por último a consideração sobre o monitor e seu papel no processo de aprendizagem. Trata-se de um participante de forte interação com o professor e com os alunos.

III. E o monitor?

É uma figura relativamente pouco freqüente em nossas salas de aula, e as razões para isso são *várias*. Ora é a instituição educacional que não propõe facilidades, ora é o próprio professor que, não sabendo muito bem como aproveitar a presença do auxiliar para melhorar a aprendizagem do aluno, prefere evitá-lo; ou, talvez, nem tenha se detido para refletir sobre a questão; ou, ainda, tenha tido, como aluno, experiências desagradáveis com monitores.

É verdade que, por vezes, o monitor está em sala de aula mais para ajudar o professor que o aluno. Apresenta-se mais como um secretário do professor, ou um bedel da classe, ou uma espécie de "fiscal", ou até mesmo como um assistente do professor. Nessas circunstâncias, concordamos que não pode contribuir positivamente *para* um melhor relacionamento professor-aluno em sala de aula.

No entanto, a função de monitor poderá se tornar fundamental no processo de aprendizagem se se entender o monitor como aquele aluno de turma mais avançada que se dispõe a *colaborar com seus colegas* de turmas posteriores à sua.

De um lado, já tendo passado por aquela experiência, e se encontrando presente em sala de aula, é capaz de captar melhor as dificuldades

que os alunos manifestam no curso e na disciplina, e ajudá-los a expor esses problemas ao professor. Poderá ainda favorecer o processo de aprendizagem dos alunos se estiver voltado para incentivar a participação desses nas atividades propostas, para dinamizar as equipes de trabalho, para rever com alunos, individualmente ou com grupos de trabalho, atividades não desempenhadas adequadamente, para colaborar com os alunos na compreensão dos textos.

De outro lado, se reunirá com o professor para preparar a aula, checar se a linguagem e as estratégias apresentam-se compreensíveis aos alunos, discutir e colaborar com o professor nos encaminhamentos concretos a serem dados aos alunos, de tal forma que favoreça a interação aluno-professor e professor-aluno.

Junto com o professor, o monitor poderá colaborar na revisão da programação: se foi adequada aos objetivos propostos, se foi compreendida pelos alunos, se teve condições de ser realizada, se, em particular, os textos escolhidos estiveram ao nível dos alunos, se as estratégias realmente facilitaram a consecução dos objetivos pelos alunos.

Dessa descrição pode-se depreender como um monitor poderá facilitar a relação professor-aluno em sala de aula, como poderá ser um elo que une professor-aluno numa célula de trabalho intelectual em sala de aula e como poderá ser um eficiente colaborador na aprendizagem de seus colegas.

De seu próprio ponto de vista, o monitor encontrará o seu desenvolvimento na medida em que aprofunda seus estudos a respeito do conteúdo da matéria, coloca-se numa posição de observação e de ação pedagógica propriamente dita e tem mais oportunidade de refletir sobre o ensino e a educação, pela convivência assídua com o professor e por meio da constante troca de *feedbacks* entre ambos, bem como entre ele e a classe.

Conforme nossa experiência, no entanto, observamos que algumas condições são indispensáveis para que tudo isto possa ocorrer: isto é, para que o monitor não se torne um fardo para o professor, um "zero à esquerda" para os alunos e para que o exercício da monitoria não seja frustrante para o próprio monitor.

1. Que a *seleção* dos monitores se faça tendo como critério básico o *envolvimento-interesse* manifestado pelo aluno naquela disciplina, sua

produção intelectual durante o curso e seu relacionamento com colegas e professores.

2. Que os candidatos, uma vez selecionados, *participem de um processo de aprendizagem* no qual se discutam claramente as funções do monitor, as condições para realizá-las, o que esse candidato pode esperar em seu benefício dessa monitoria e o que a disciplina vai exigir dele como monitor.

3. Que *professor e monitor se encontrem*, ao início do semestre, para juntos discutirem a programação semestral e, semanalmente, para avaliarem o desenvolvimento da programação, a relação e o aproveitamento dos alunos e possíveis adaptações da mesma programação para aquela semana.

Caso essas três condições não se concretizem, corremos sérios riscos, como infelizmente nossa experiência já o demonstra: contarmos com um monitor que, em vez de colaborar com a aprendizagem do aluno e cooperar para uma integração professor-aluno, estará presente em sala de aula promovendo, como consequência, exatamente o contrário do que dele se espera.

De modo oposto, o monitor será mais um elemento, e valioso, para que, autenticamente juntos, professor, alunos e monitor construam um curso que resulte no desenvolvimento pessoal de todos.